

ARMAZÉM

L • I • T • E • R • A • R • I • O

Poeta se atira no caldeirão cultural de Brasília

Luis Turiba fala da sua geração e pensa na volta da revista Bric-a-Brac

A geração que, mesmo sem pintar a cara, tomou as ruas nos anos 60, recebeu uma carga cultural tão intensa como poucas outras gerações tiveram oportunidade. Tropicália, jovem guarda, bossa nova, cinema novo, estética da fome, concretismo, Brasília, repressão política, sindicalismo, ligas camponesas, João Gilberto, Caetano Veloso, Roberto Carlos, Gregório Bezerra, Haroldo de Campos, Jango, JK, Glauber Rocha e outros tantos carnavais. Naturalmente que o sarapatel não começou a ser feito nos anos 60, mas neste período estava mais temperado do que nunca. E só com o rescaldo da ditadura é que deu para sentir a importância dessa inquietude toda.

O poeta e jornalista Luis Turiba é fruto deste caldo de cultura. Sua trajetória pessoal é síntese mesmo da euforia nacionalista que tomou o País de assalto. Nascido no Recife, Pernambuco, há 43 anos, com poucos meses estava no Rio de Janeiro, o olho do turbilhão. Depois do rescaldo e da quase maturidade, seu destino estaria incompleto se não tivesse, enfim, aportado em Brasília, isso em 1979. Tinha sobrevivido aos porões da repressão militar, quando foi até torturado, e trazia para a síntese dos anos 60 a síntese pessoal que a década legou-lhe.

Sua estréia poética deu em 1977, quando ainda morava no Rio, com o livro Kiprókó. Neste livro consta o poema *Alto Íntimo*, musicado por Manduka, que o gravou no último disco junto com Domingos. Não sem certa pontada de prazer, Turiba tem escutado a música tocar nas rádios da cidade.

Amante da rima, o concretista Turiba é um administrador de suas contradições. Um exemplo: para homenagear Augusto

de Campos, encontrou no soneto a grande fórmula. Durante um ano construiu o poema, um alexandrino perfeito, que ia trabalhando a medida que recebia as cartas do amigo, guru e homenageado.

Atualmente edita a página *Brasília*, do *Jornal do Brasil*, mas não se afasta da poesia. Como jornalista, escreve sobre poesia para o caderno *Idéias*, do mesmo jornal, e como agitador cultural maquina a retomada do projeto Bric-a-Brac. Com isso, não se faz apenas um escritor da cidade, mas um autor que traz a cidade como instrumento íntimo de suas inquietudes.

Você tem uma relação muito próxima com a música, até mesmo como letrista. Qual a influência musical de sua poesia?

Eu sou de uma geração que se fez, poeticamente, ouvindo Caetano Veloso, Chico Buarque, Paulinho da Viola, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Vandrê, Rita Lee, mas especialmente a tropicália. Isso tudo me bateu na veia. Foi um overdose de poesia musical na adolescência. E os primeiros poemas que li, por exemplo, Oswald de Andrade, os modernistas, são extremamente musicais.

Nós Sabemos que há um ritmo em cada poesia...

Eu fui citando isso para chegar à esta relação música-poesia. Eu não me considero um letrista, eu sou um poeta. Agora os versos estão sendo cada vez mais musicais.

Resumindo. Há uma influência mais tropicalista em seus versos?

Eu não sei, eu não tenho essa busca. É uma coisa normal de um trabalho de subverter a gramática, transformar o substantivo em verbo, enfim, dar musicalidade à leitura poética.

Mas, apesar desta subversão da gramática, há uma estrutura de métrica em sua poética.

Claro. Eu sou um sujeito que gosta da rima, como João Cabral, que é musical.

Vamos falar dessa contradição. Você trabalha o verso com um primor quase parnasiano, mas, ao mesmo tempo, traz uma forte influência do concretismo. Isso não se choca?

Eu acho que não, por que tudo que se faz hoje tem um forte apelo visual. O que me interessa no concretismo, o que me encantou, primeiro foi o sentido plástico



O poeta e jornalista Luis Turiba, síntese da inquietação dos anos 60

que ele deu ao verso, principalmente o Augusto de Campos. Eu tenho muita admiração pelo Haroldo e o considero hoje o nosso gênio da poética brasileira; é o homem que levou a tradução, a arte de fazer o impossível, ao ponto de altíssimo rigor. No entanto minha ligação poética se deu muito com Augusto, que é extremamente musical.

Numa leitura mais ampla de sua poesia, me parece que você pega coisas do Oriente para jogar num panorama macunaímico. É esse o caminho?

Foi um determinado momento. Quando eu fiz *Clube do Ócio*, um trabalho que hoje merece uma releitura, isso me encantava. Depois eu avancei. Mas quando você fala de Macunaíma, você quer falar da própria

brasilidade, e aí me encantou bastante a descoberta do iorubá. E daí veio aquela sonoridade linda do candomblé, dos cânticos, e eu incorporei isso à minha poética.

Você é poeta muito frasal. Um poeta que trabalha muito e até a contradição da frase. Isso é espontâneo?

Hoje, eu estou muito ligado ao jornalismo diário, e mesmo no jornalismo diário eu adoro achar frases, achar trocadilho. Agora isso não pode ser fácil, porque senão você se torna repetitivo.

Mas existe algum processo ou é intuitivo?

É intuitivo, eu penso. Por exemplo: aquele verso "ou nós Raoni ou nós se Sting" eu não parei para elaborar. E hoje é uma letra que está para merecer uma mú-

sica de Rita Lee.

E o jornalismo diário não atrapalha sua poesia?

O jornalismo diário é antipoético. Meus grandes momentos poéticos são meus momentos de vagabundagem. Você enfrentar uma página diária, administrar as pressões do PP ao PT e ainda escrever poesia...

Mas como você está administrando isso, hoje?

Eu continuo produzindo muito. Por exemplo, eu estou terminando um trabalho *Texturas da Terra*, que é um trabalho fundamentalmente de tradução de poemas primitivos. Há dois anos estou mergulhado neste trabalho, que é muito lento, mas que tá ficando muito bonito.

O projeto Bric-a-Brac. Como animador cultural este foi seu principal projeto?

Como poeta, o meu principal projeto foi Bric-a-Brac, mesmo porque eu até agora não publiquei meu primeiro livro de poesia. Quer dizer, eu picotei guerrilha por tudo quanto é lugar, mas juntar tudo, ainda vai chegar o momento disso.

Mas o projeto, Bric-a-Brac em si?

Bem, primeiro ele é um projeto de quatro pessoas, não é só meu. E quando eu falo quatro pessoas, falo daquelas envolvidas no processo, porque, por exemplo, o Ivan da Livraria Presença teve uma participação fundamental na Bric-a-Brac. O Ivan era o quarto Beatles da Bric-a-Brac.

Mas vocês tinham idéia da dimensão cultural da Bric-a-Brac?

O projeto da Bric-a-Brac sempre foi expandir as fronteiras da poética de uma geração aqui em Brasília. Por exemplo, nos interessa ter um diálogo direto com Haroldo de Campos, com Arnaldo Antunes, com Antônio Risério, com poetas de Minas, com o samba do Rio de Janeiro. A gente achava que Brasília tinha condição de sair quebrando esses muros da poética e revelar poetas novos. E esse foi o lance vitorioso do projeto Bric-a-Brac.

Vocês, de certa forma, rompem com a estética poética da cidade. Era essa a intenção, despertar, dar um tapa na mesmice?

Nós, de certa forma, compramos briga com a poética da cidade que era muito provinciana. Mas nós queríamos mostrar, por exemplo, que no Pantanal existe um

poeta maravilhoso chamado Manuel de Barros. Mostrar que a poesia pode dialogar com empresários, como nós dialogamos com José Mindlin. Que a poesia pode dialogar com a música, com o samba. E hoje ninguém pode contar a história do samba sem ler aquela entrevista que a Bric-a-Brac fez com Paulinho da Viola.

Um pesquisador da obra e da vida de Caetano Veloso, disse-me que a entrevista que ele deu à Bric-a-Brac foi um dos importantes depoimentos do compositor...

Isso, porque nós levamos para conversar com Caetano o poeta Augusto de Campos, que tinha feito a primeira leitura do tropicalismo no livro *O Balanço da Bossa*. Quer dizer, a gente bordava a entrevista, porque a conversa era entre os dois. Era uma conversa de monstros. Isso que dizer que o projeto de poesia da Bric-a-Brac é que ela tem que ter uma carga muito forte de subversão e informação.

O projeto Bric-a-Brac foi vitorioso?

Foi um fracasso financeiro e um sucesso estético, de sensibilidade incrível; está inscrito na poesia dos anos 80 deste País. O que eu acho que nós vamos ter que mudar daqui pra frente é montar um projeto que tenha a mesma carga estética de cruzamento de informação, da história da poética nacional e internacional, com um bom projeto financeiro, até porque nós não podemos mais tirar os nossos salários, ficar devendo...

Quer dizer, na nova cara da Bric-a-Brac, o sonho ficará na poesia?

O sonho ficará na poesia e o projeto tomara que fique no bolso.

Brasília é concreta como parte de sua poética. O fascínio que você sente pela cidade passa por aí?

Eu me acostumei a ser brasileiro porque foi a partir daqui que eu conquistei o País, que eu conheci o mundo. Nós tivemos uma responsabilidade muito grande, pois chegamos com tudo para ser feito e nós é que vamos fazer... E este fazimento é uma mistura de bosta de boi, de cheiro de terra com o que existe de mais moderno na informática. É isso que me encanta na cidade.